

A PRODUÇÃO DO NOVO EM HISTORIOGRAFIA: OS ANNALES E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO INTELECTUAL DE UM MOVIMENTO HISTORIOGRÁFICO

Mariana Ladeira Osés*

Resumo: Os *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, revista fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929, foram celebrados pela historiografia moderna como um ponto de virada na produção de conhecimento histórico do século XX. Essa postura celebratória tem, não raro, sido criticada por setores da historiografia que buscam, por vezes de forma acusatória, contestar os supostos “ineditismos” da revista. O presente trabalho visa a elaborar e elucidar uma série de questionamentos que, em sua concepção, exigem uma postura analítica que se afaste dos juízos valorativos. Com isso, busca-se uma compreensão da produção intelectual como processo, ou seja, dos mecanismos sociais e intelectuais envolvidos na construção da ideia do “novo” nas ciências humanas por meio da atenção a fontes usualmente relegadas a um plano acessório no estudo da história intelectual: as cartas e as resenhas. Acreditamos que, por meio da análise de cartas trocadas entre Bloch e Febvre entre 1928 e 1938 e das resenhas publicadas na revista (em especial em seus primeiros anos), abre-se a possibilidade de estudo das obras dos autores em um panorama mais amplo, e, por consequência, evidenciam-se esferas da produção intelectual que permitam uma compreensão mais refinada do processo de produção e constituição de uma novidade historiográfica.

Palavras chave: Escola dos Annales; História da Historiografia; Novidade Historiográfica.

I) INTRODUÇÃO

Raros são os estudos de caráter sintético a respeito da historiografia moderna que não façam referência à “Escola dos Annales”. Ao longo do século XX, essa escola historiográfica tornou-se referência obrigatória aos historiadores, passando a ser assinalada como um ponto de virada nos métodos e mentalidades que regiam a historiografia do século XIX. Não raro, a literatura historiográfica referente aos *Annales* frisa seus supostos ineditismos, com a sugestão frequente de que as proposições inovadoras, bem como o brilhantismo considerado intrínseco aos fundadores da revista,

* Graduação em História pela Universidade de São Paulo – USP.

seriam o suficiente para explicar a ascensão da “escola francesa” ao patamar de farol da historiografia do século XX.

Obras como *Modern Historiography*, de Michael Bentley e *Historiography of the Twentieth Century*, de Iggers, por exemplo, dedicam capítulos aos *Annales* que pouco fogem de um modelo recorrente de análise do movimento, pressupondo a suposta novidade de suas proposições como explicação natural para sua popularidade e centralidade historiográfica. Segundo essa chave de análise, o movimento francês oficialmente fundado em 1929 teria sido responsável por um esforço inaugural de adoção de métodos interdisciplinares no estudo da história, estabelecendo um canal de diálogo com outras ciências humanas, em especial a Sociologia. Alicerçada por essa proposta supostamente inovadora e pela excelência intelectual de seus fundadores, a escola dos *Annales* teria se configurado como uma ruptura historiográfica instauradora de um novo movimento intelectual hegemônico e, nesse sentido, sua ascensão à condição de mais importante movimento historiográfico do século XX seria inexorável e natural.

A reverência ao suposto “legado dos *Annales*” é de tal forma arraigada em certos setores da historiografia que se faz transparecer mesmo em críticas ao movimento. Um exemplo disso é *A Escola dos Annales, 1929-1989*, de Peter Burke, obra que, mesmo buscando relativizar a noção de que movimento francês é temporalmente precedido por um total obscurantismo intelectual e metodológico, traz no próprio subtítulo (“A revolução francesa da historiografia”) a noção de que a revista foi, de fato, uma ruptura instauradora e revolucionária na historiografia moderna.

Em um movimento diametralmente oposto, outro setor da historiografia intelectual tem se dedicado a uma desconstrução da narrativa por vezes mítica erigida em torno da “escola” e seus fundadores. Nesse esforço, busca-se tratar a ascensão e consolidação dos *Annales* como uma “invenção”, produto exclusivo de estratégias políticas e de poder mobilizadas por Bloch e Febvre, bem como do contexto intelectual no qual a revista foi concebida. Tende-se, assim, a minimizar e relativizar o real legado intelectual da chamada “escola” metódica francesa, em movimento de contestação do caráter referencial por ela assumido na historiografia moderna.

O apoio construído em torno desses dois polos argumentativos abre entre eles uma substancial lacuna de possibilidades não exploradas e questionamentos não formulados.

A PRODUÇÃO DO NOVO EM HISTORIOGRAFIA: OS ANNALES E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO INTELECTUAL DE UM MOVIMENTO HISTORIOGRÁFICO

Ambas as interpretações – a celebração exaltada do “legado” dos Annales ou a negação acusatória desse mesmo legado – trazem em si o mesmo teor valorativo que nubla a compreensão do processo que constituiu esse fenômeno intelectual. Busca-se, aqui, uma revisão desse processo que se afaste dos juízos valorativos e se aproxime de uma gama mais variada de fontes, em um esforço de compreensão do processo de formação dos Annales como um movimento que não se esgota nas estratégias de poder ou nas questões contextuais e tampouco no gênio criador de Bloch e Febvre e no suposto caráter inaudito de suas ideias.

Defende-se, portanto, que o estudo da estruturação do “novo” no que diz respeito aos Annales deve, necessariamente, passar pela compreensão do próprio processo de composição e idealização da revista, da seleção do conteúdo nela incluído, das relações acadêmicas mobilizadas nesse processo e das estratégias textuais das quais se lança mão na fatura dos textos que compõem uma porção substancial da publicação: as resenhas críticas. Visa-se, assim, a um esforço que não reduz a pó o significado intelectual do movimento, mas que tampouco se contenta em tomar fatores como o ineditismo e a qualidade como explicações únicas a seu sucesso.

II) PROBLEMATIZAÇÕES DO CONCEITO DO “NOVO” NAS CIÊNCIAS HUMANAS

O movimento de problematização do “legado” da escola dos Annales não é um esforço isolado: a literatura sociológica já chamou atenção, de fato, ao caráter problemático das rupturas instauradoras em história intelectual e das ciências. Scott Frickel e Neil Gross, por exemplo, ao proporem uma teoria geral dos movimentos científicos e intelectuais, lançam luz sobre uma série de fatores que, segundo essa perspectiva, contribuem para que o trabalho de um autor ou de um conjunto de autores seja apreciado como uma novidade científica. Entre esses fatores, Frickel e Gross destacam o contexto histórico e social em meio ao qual os movimentos são concebidos, bem como os fatores da própria lógica acadêmica que permitem ou inibem o florescimento desses movimentos (FRICKEL; GROSS, 2005). Nessa lógica, estrutura departamental, prestígio acadêmico dos fundadores e dos seguidores, capacidade de atração de pesquisadores, redes de conexões acadêmicas mobilizadas e uma série de outros elementos contextuais seriam fatores indispensáveis a uma análise profunda e

completa do modo como se afirma, consolida e institucionaliza um novo movimento intelectual ou paradigma científico.

Nessa linha de pensamento, identificam-se exemplos práticos de problematização do caráter inovador das novidades científicas. Joseph Ben-David e Randall Collins, por exemplo, apropriam-se do caso da psicologia para demonstrar que o mero surgimento de uma nova ideia e seu potencial instaurador não são o suficiente para institucionalizá-la e tampouco para torná-la um parâmetro intelectual. É necessário, para tanto, que tal ideia ofereça potencial de instauração de uma identidade intelectual, com destaque, novamente, às relações acadêmicas mobilizadas nesse processo (BEN-DAVID; COLLINS, 1966). Essas relações são, ainda, objeto de preocupação de Robert Merton, que invoca a norma da academia no que diz respeito à propriedade intelectual como central na compreensão das disputas ocorridas entre cientistas pelo reconhecimento do pioneirismo em certas descobertas (MERTON, 1957).

Esse tipo de reflexão não é estrangeiro à historiografia referente aos *Annales*. Historiadores como Gerard Noiriel, André Burguière, Olivier Dumoulin e Charles-Olivier Carbonell repensaram a experiência dos *Annales* relativizando seu caráter revolucionário e buscando fatores alternativos para a explicação do sucesso da revista. Noiriel destaca-se pela atenção conferida à influência que fatores como a estrutura acadêmica francesa, as relações hierárquicas entre intelectuais e a trajetória profissional de Marc Bloch e Lucien Febvre exerceram na ascensão dos *Annales* ao patamar singular ocupado pela Revista na historiografia moderna. Destacando a constante busca de legitimação acadêmica de Bloch e Febvre, Noiriel desconstrói uma narrativa heroica naturalizada em torno dos fundadores dos *Annales* que os retrata como marginalizados do sistema acadêmico que, por seus méritos intelectuais, teriam imposto suas ideias e métodos de forma natural e espontânea. Essa noção é relativizada na medida em que se demonstram os mecanismos e estratégias de poder mobilizados por ambos na consolidação de seu modo de pensar, sua submissão à “*règle du jeu*” imposta pela academia francesa e, conseqüentemente, sua adaptação a uma série de normas que contrariam a ideia de um suposto enfrentamento frontal do sistema vigente e imposição de um novo conjunto de ideias alicerçadas exclusivamente no mérito intelectual intrínseco a essas ideias (NOIRIEL, 1996).

A PRODUÇÃO DO NOVO EM HISTORIOGRAFIA: OS ANNALES E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO INTELECTUAL DE UM MOVIMENTO HISTORIOGRÁFICO

Burguière, por sua vez, atribui a influência conquistada pelos Annales à própria proposta da “escola”, que busca legitimar e agregar as ciências humanas ocupando o vazio de liderança deixado pelo declínio da escola durkheimiana. O autor relaciona, portanto, o êxito intelectual da Revista ao cenário da produção intelectual do conhecimento à época de sua fundação, tanto interna quanto externamente à disciplina histórica. Mais uma vez, associa-se o projeto intelectual de Bloch e Febvre e um projeto de poder, relativiza-se sua marginalização em relação ao sistema acadêmico e contesta-se o enfrentamento frontal realizado à tradição acadêmica francesa (BURGUIÈRE, 1979). Burguière caracteriza os fundadores dos Annales não como opositores, mas como herdeiros de uma tradição acadêmica francesa na qual, inseridos em um contexto propício, foram capazes de institucionalizar ideias não necessariamente novas, mas que, veiculadas por representantes legítimos do sistema, passaram a incorporar, elas mesmas, legitimidade intelectual.

Embora as reflexões citadas tragam por mérito a desconstrução de certos mitos erguidos em torno da fundação dos Annales, essa desmistificação não raro leva a um processo de esvaziamento do impacto da escola sobre a historiografia. É necessário que se pense o problema sob outra perspectiva, buscando-se, antes de empreender um julgamento valorativo da “escola”, compreender a rede de mecanismos envolvidos em sua consolidação como ponto de referência historiográfico. É nesse sentido que a supracitada obra de Noiriel se destaca na historiografia referente ao tema, trazendo à tona reflexões acerca dos chamados *Combats pour l’Histoire*, de Lucien Febvre, que permitem reflexões e questionamentos inovadores sobre a problemática dos Annales.

Essas reflexões advêm da observação de que o caráter combativo e incisivo geralmente atribuído aos *Combats* deve-se, em grande parte, a alterações feitas por Febvre tanto nos títulos dos artigos compilados (alguns muito menos ostensivos em seu original do que na adaptação para publicação dos *Combats*) quanto na própria cronologia dos textos, visto que parte dos escritos posicionados como referentes ao início da carreira do historiador são, na realidade, posteriores a sua eleição para o Collège de France, evento que lhe deu condições e respaldo para a elaboração de artigos mais combativos.

Noiriel, identificando esse processo de montagem do que ele denomina “tradição escriturária”, não esgota a crítica do “mito heroico de Bloch e Febvre” no mero esvaziamento da significância da revista, mas, em um processo mais complexo, lança luz sobre o fato de que existe nos *Annales* um movimento de construção autoimagética que, antes de servir como munição à pulverização da obra de Febvre, deve ser estudado de forma mais sistemática para que se compreenda a consolidação da “nova escola francesa”. Propõe-se, no presente trabalho, que esse processo de construção de uma autoimagem seja forjado no próprio cotidiano da revista, e que, portanto, não se esgote nas observações feitas por Noiriel a respeito dos *Combats*. Constitui, pelo contrário, um processo mais amplo e que pode ser mais bem explorado pelo trato sistemático de dois principais tipos de fontes: cartas trocadas entre Bloch e Febvre e resenhas de livros por eles escritas e publicadas.

III) A CENTRALIDADE DO TRATO DAS FONTES

A escolha de ambos os tipos de fontes para abordagem do problema proposto não é fortuita. As cartas pessoais trocadas entre Marc Bloch e Lucien Febvre entre os anos de 1928 e 1938, editadas e publicadas por Bertrand Müller, além das resenhas publicadas na Revista dos *Annales* (em especial nos anos subsequentes a sua fundação) são os principais materiais propostos por, se contemplados a partir dos questionamentos pertinentes, permitirem a elaboração de uma perspectiva nova acerca do processo de fundação, institucionalização e construção da autoimagem da “Escola dos *Annales*”, trazendo à luz elementos da produção intelectual e da supracitada tradição escriturária centrais a esse fim. Destacam-se, aqui, as redes de contatos acadêmicos, a relação nutrida com outras correntes intelectuais e seus respectivos representantes, os meios de legitimação buscados para o movimento nascente e a postura de Bloch e Febvre em relação à recepção e concepção de suas proposições.

A atenção às fontes epistolares tem ganhado destaque da historiografia brasileira, e, portanto, a presente pesquisa inscreve-se em um movimento de redimensionamento da importância desses materiais para o estudo historiográfico. Pesquisas como o estudo referente às cartas de Capistrano de Abreu realizado por Fernando Amed têm lançado luz sobre a riqueza documental das cartas. O trabalho de Miguel Palmeira referente aos

A PRODUÇÃO DO NOVO EM HISTORIOGRAFIA: OS ANNALES E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO INTELECTUAL DE UM MOVIMENTO HISTORIOGRÁFICO

*Finley Papers*² é outro exemplo desse esforço, no qual se destaca a atenção ao fato de que as cartas, na medida em que permitem a contestação da ideia de que as novidades científicas exitosas sejam fruto exclusivo da excelência intelectual de um autor, proporcionam também uma compreensão mais refinada do processo de construção intelectual dessas inovações.

As resenhas, por sua vez, permitem que sejam identificadas relações e redes acadêmicas mobilizadas no processo de construção da identidade dos *Annales*. Tendo-se conhecimento da vasta produção de resenhas escritas por Febvre, e atribuindo-se foco aos textos correspondentes aos primeiros anos da publicação, é possível identificar as relações acadêmicas e os interesses temáticos da revista em construção, as ideias com as quais se dialogava e a relação nutrida entre os fundadores dos *Annales* e os autores contemporâneos a eles. Busca-se, assim, identificar no cotidiano da revista aspectos que apontem para a existência de uma autoimagem que se forja no seio da própria produção e das próprias estratégias sociais, modulada, mas não esgotada, em uma série de fatores intelectuais, acadêmicos e políticos sobre quais cartas e resenhas permitem um olhar privilegiado.

IV) CONCLUSÃO

Acredita-se, portanto, que um enquadramento cuidadoso das fontes analisadas, bem como a formulação de questionamentos pertinentes, permite um ângulo de análise inovador para a questão da consolidação de uma corrente historiográfica como hegemônica ou nova. Cartas e resenhas, usualmente tidas como fontes periféricas no estudo da história da historiografia, permitem a revelação de esferas políticas e sociais da produção intelectual que não se fazem, à primeira vista, óbvias na obra canônica dos autores envolvidos, mas que, indubitavelmente, permitem uma compreensão mais aprofundada e menos mitificada da produção e construção do novo na historiografia. Busca-se, assim, pensar a veiculação da ideia de “novo” ou “novidade” (e seus opostos: “velho”, “ultrapassado”) a partir de elementos que não são externos à obra de Bloch e Febvre, mas que tampouco se esgotam em seu conjunto canônico.

² O presente trabalho é de orientação do prof. Miguel Palmeira e, como tal, dialoga intensamente com suas pesquisas referentes à compreensão do surgimento do “novo” nas ciências humanas, conjunto no qual se inserem suas reflexões acerca dos *Finley Papers*.

Sob esse ângulo, o estudo da formação da Escola dos Annales distancia-se da polarização limitante usualmente encontrada na historiografia, penetrando no universo de questões não exploradas feito vago pelo tradicional embate entre os dois extremos de tratamento do “legado” francês: a exaltação e o esvaziamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEN-DAVID, J.; COLLINS, R. Social factors in the Origins of a New Science: The Case of Psychology. *American Sociological Review*, vol. 31, nº 4, Agosto/1966, pp.451-465.
- BENTLEY, Michael. *Modern Historiography: An Introduction*. London: Routledge, 1999.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *Les Écoles historiques*. Paris: Seuil, 1997.
- BURGUIÈRE, A. Histoire d'une Histoire: la naissance des Annales. *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, vol. 34, nº6, nov/dec 1979, pp. 1347-1359.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- FRICKEL, S.; GROSS, N. A General Theory of Scientific/Intellectual Movements. *American Sociological Review*, vol. 70, nº 2, Abril/2005, pp.204-232.
- IGGERS, Georg. *Historiography in the twentieth century. From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*. Hanover e Londres: Wesleyan University Press, 1997.
- MERTON, R. Priorities in Scientific Discovery: A Chapter in the Sociology of Science. *American Sociological Review*, vol. 22, nº62, Dezembro/1957, pp.635-659.
- MÜLLER, Bertrand (org). Marc Bloch. *Lucien Febvre et les Annales d'histoire économique et sociale : correspondance*. Paris: Fayard, 1994.
- NOIRIEL, Gérard. *Sur la “crise” de l’histoire*. Paris: Belin, 1996.